



PORTUGAL E CATALUNHA NO SISTEMA CULTURAL GALEGUISTA ATRAVÉS DAS REVISTAS GALEGAS NO TARDOFRANQUISMO¹

Maria Felisa Rodríguez Prado

Grupo GALABRA

Universidade de Santiago de Compostela

Este trabalho visa dar a conhecer e interpretar, a partir da exploração das revistas galegas publicadas entre 1969 e 1975, o lugar e a funcionalidade de Portugal e Catalunha no sistema galego —que, em construção e com graves carências é, em realidade, protossistema— no momento decisivo que precede a abertura de possibilidades que a democratização espanhola vai oferecer.

As relações intersistémicas estabelecidas polo protossistema galego com o consolidado sistema português e com o catalán emergente ficam enquadradas dentro de um espaço peninsular no qual a literatura e a cultura espanholas funcionam comumente como referente de oposição com respeito ao qual os agentes e grupos galeguistas pretendem construir um sistema independente.

Na sua procura de diferenciação, Catalunha e Portugal apresentam-se aos grupos galeguistas como sistemas acessíveis por causa da sua proximidade: no primeiro caso, na medida em que se partilha o contexto espanhol e se trabalha na emergência de um sistema próprio; no segundo caso, a relação vem dada menos pela proximidade geográfica do que polos vínculos históricos e, sobretudo, polo factor lingüístico. Som, portanto, susceptíveis de serem usados para reforçar o projecto galeguista, funcionando como referentes de analogia, de emulação ou de (re)integração.

Portugal nas revistas galegas (1969-1975)

Portugal é objecto de transferências várias para o protossistema galego da altura através das publicações periódicas, mas em dimensões e com funções

¹ Este trabalho está ligado ao Projecto POLULIGA, “Portugal e o mundo lusófono na Literatura Galega dos últimos trinta anos”, do Grupo de Investigação GALABRA-USC, parte do qual subsidiado pola Junta da Galiza (PGIDT01PXI20414PR).

cuja prevalência varia de acordo com os grupos que as implementam e os seus interesses, mais ou menos atentos ou afastados das contingências políticas vividas no país vizinho, onde em 1974 a revolução deu o golpe final a umha ditadura terrivelmente enfraquecida polo esforço bélico com que se pretendera impedir as independências das colónias africanas desde o longínquo ano 1961.

A) Transferências dos campos culturais

O recurso a Portugal é quase omnipresente numha valorização do mundo e da identidade galega que costuma começar pola própria língua. (*vid.* Torres Feijó, nestas Actas). Identificada como galego-portuguesa ou simplesmente como galega, a língua é apresentada dentro de ou em relação com o mundo linguístico português, de tal modo que as suas circunstâncias negativas —(I) ausência de codificação para a escrita, (II) marginalização dentro do Estado Espanhol, (III) associação às camadas populares, (IV) reduzida capacidade para veicular umha cultura de massas— vam sendo compensadas com o recurso a esse espaço:

I.

Com a afirmação dumha importante unidade dialectal galego-portuguesa. Com isto tenta-se afastar o fantasma da total irregularidade do galego, por um lado, e apresentar como nom excessivamente complexa essa fixação escrita “cultura” ainda em processamento, por outro (“Problemas de linguaxe. A vontade de estilo na fala popular” in *Galicia*, mai.-jun. 1971: 15). Ao mesmo tempo, a filiação lusófona permite justificar o uso do português como fonte para “amamentarnos o sorber palabras” (“El porvenir del gallego” in *Galicia*, mai.-jun. 1971: 6), referência à hora de processar a chamada criação literária do galego, quer dizer, o “galego literário”.

Também a identidade étnica e a pertença à mesma raça, cujas origens se acham no noroeste peninsular e um de cujos elementos definidores é a língua (comum), apoiam o recurso a “la costilla del esqueleto gallego que es Portugal” (“Galicia, nación natural” in *Correo de Galicia*, Buenos Aires. 30.5.1969: 5).

II.

Por meio do que chega a ser chamado “bilinguismo privilegiado” do povo galego, conhecedor tanto do galego-português como do castelhano. Neste ponto, som retomadas as posições de galeguistas considerados históricos (*vid.* Gonçalo Cordeiro Rua, nestas Actas), como Antón Villar Ponte, Xohan Vicente Viqueira ou, sobretudo, Castelao, cujo pensamento continua especialmente vivo e activo nos enclaves americanos mas nom deixa de ser recuperado e divulgado na Galiza e entre os galegos, com intensidade crescente conforme se aproxima o vigésimo quinto aniversário da sua morte (1975). Seguindo essa tradição galeguista do pré-guerra aponta-se, pois, a capacidade mediadora da Galiza para:

a) pôr em diálogo a Península Ibérica, umha vez que, por um lado, esteja superada a vontade hegemónica e centralista de Castela e, por outro,

Portugal, regressado da aventura imperial ultramarina, se re-situe no espaço peninsular e se vire para a Europa (Ramón Piñeiro “Conferência na inauguração da Galeria Sargadelos de Madrid”. *Cuaderno del laboratorio de formas*, 1975: 119).

b) se ligar com a América e mesmo comunicar nos restantes continentes (*Galicia*, Buenos Aires, mai.-jun., 1971: 21).

III.

a) Com a afirmação do galego já nom apenas como língua apta para a cultura —entendendo nesse sentido a aprovação da presença oficial das línguas diferentes da castelhana nas escolas, recebida como umha vitória— mas ainda como língua de cultura cuja aptidom tinha ficado demonstrada no passado medieval:

por obra y gracia de ‘troveiros’ como Martín Códax, Payo Gómez, Airas Nuñes, Pero Meogo, Xan Zorro, Lopo Lías, Martín Moxa y tantos otros (Ramón Farre González, “El gallego y la escuela”. *La Voz de Ortigueira* 3075, Ortigueira, 6.6.1975:1).

b) Com a colocação da língua dentro de uma longa tradição que, apesar de quebrada na parte galega com o afastamento da normal evolução portuguesa aquém e além mar, contempla como património galego-português —na linha do galeguismo do séc. XIX— o produtor situado no centro do cânone luso:

a lingua do único Rei Sabio que houbo na Hespaña, a dos celebres cancioeiros da Vaticana (...) e tamén a de Camoens nos ‘Lusíadas’, cando ainda non se chegara ao arredamento linguístico con nosos hirmans de alem Miño. (Xosé Pena Menéndez, “Pasaron de rosca”. *La Voz de Ortigueira*, Ortigueira, 31.5.1974: 1).

IV.

Através da consideração dos produtos e dos mercados portugueses e brasileiros, tanto no campo literário —que já vinha sendo contemplado de modo bastante corrente— como no musical, teatral e de cinema, que desde o fim dos anos sessenta começam a receber atenção como meios susceptíveis de contribuir para a normalização da língua e para a projecção da cultura galega, às quais nom é alheio o postulado do idioma entendido como galego-português:

Se non temos un sentido estravernacular do idioma galego, automáticamente pechámoslle as meirandes posibilidades que ten non soio o idioma senón tamén a cultura galega pra se estender nos países mais afins. (“Valentín Paz-Andrade y el capítulo XXXI de su libro *La marginación de Galicia*”. *Chan* 30, Madrid, jun. 1970).

Som contributos para essa extensom da cultura os certames teatrais da Agrupación Abrente de Ribadavia, onde nom faltavam companhias portuguesas e se procuravam novos textos galegos para representar, ou os filmes

portugueses e brasileiros passados, junto com as curtametragens galegas, nas Mostras de Cinema Galego de Ourense (*vid.* Torres Feijó, nestas Actas).

É, contodo, no terreno musical —experimentando desde a apariçom da Nova Canción Galega em 1968 um impulso significativo—, onde se encontram mais e mais claras manifestaçons nas revistas do reforço luso-brasileiro. Assim, em declaraçons do cantor Julio Iglesias (*in Chan* 19, Madrid: 30-33) afirmam-se as possibilidades de internacionalizaçom da música galega graças à proximidade com a lusitana e, sobretudo, com a brasileira. Também o sociólogo Baldomero Cores Trasmonte (*Chan* 37, Madrid, 1971:10-13) nom duvida em rebater a novidade do galego como meio da cultura de massas à vista do sucesso obtido “en su variante portuguesa o brasileña” e aponta aí a via para o galego chegar a ser o primeiro ou segundo idioma hispánico de cançom ligeira (*vid.* López-Iglesias Samartim, nestas Actas).

As transferências feitas no terreno da literatura alimentam-se de modo especial da produçom poética, continuando as feitas polo galeguismo do pré-guerra —dos cançoneiros, dos clássicos portugueses (Gil Vicente, Camões) e, especialmente, de Teixeira de Pascoaes, usadas para reafirmar a “alma galego-portuguesa” comum.

B) Transferências do campo do poder

No pré e pós 25 de Abril detecta-se umha actualizaçom do recurso a Portugal e o predomínio das transferências feitas por parte dos grupos nacionalistas empenhados na construçom do sistema através da organizaçom em partidos políticos, que encontram nas forças de progresso portuguesas um referente, sobretudo, de emulaçom.

A Unión do Povo Galego (UPG), criada em 1964, denuncia a problemática colonial e a ausência de liberdades existente no território galego, submetido a um estado colonizador e fascista. Para a sua luta aposta na açom das massas, após umha prévia conscientizaçom a ser desenvolvida necessariamente de modo clandestino. Considerando que essa é umha luta do povo galego —identificado com o operariado— contra o Estado Espanhol, inimigo comum das três naçons submetidas nele (Galiza, Euskadi e Países Catalans), a transferência de elementos portugueses, cujo volume e peso cresce ao ritmo do acontecer revolucionário, precisa nas publicaçons da UPG de umha justificaçom, do ponto de vista destes agentes, pois o ponto de partida é um distanciamento entre galegos e portugueses. Para operar a aproximaçom, aos argumentos já tradicionais —identidade profunda, raízes, essencialismo, vizinhança geográfica— somam-se outros, da actualidade, que som fruto das respectivas lutas contra o sistema, como a confluência de interesses democráticos e progressistas ou a priorizaçom do ataque ao colonialismo (“O colonialismo en Portugal”, *O sacho*, out. 1973).

Portugal nom é reivindicado com freqüência polos que apostam neste tipo de açom política como referente de integraçom², mas de emulaçom para a consecuçom “DUNHA PATRIA CEIBE E DEMOCRATICA cara ó SOCIALISMO i ó COMUNISMO” (*Terra e tempo* 30, mai. 1975: 15).

² Quando esta (re)integraçom surge é em forma de breves slogans “Viva a unidade de Galicia e Portugal! Viva a democracia popular!” ou lembrando umha “concencia da antiga unidade cultural galego-portuguesa”. P.ex. in *Terra e tempo*. Mai. 1974. p.2 e 3.

Ao mesmo tempo que se afirma a existência de idênticos interesses paralelos, revela-se o estabelecimento de umha interlocução em duplo sentido, como prova da solidariedade galega com a luta portuguesa e vice-versa, corporizada nas revistas em forma de cartas, telegramas e abaixo-assinados vários, entre os quais podem ser apontados o da UPG para o Movimento das Forças Armadas (MFA) luso (*Terra e tempo*, mai. 1974: 2-3) ou o de intelectuais portugueses que denunciam as medidas repressivas do Estado Espanhol (*Rego* 4-5, mai. 1975: 12).

O uso de Portugal como referente de emulação detecta-se numha clara insistência no reconhecimento da capacidade dos portugueses para terem acabado com umha ditadura de longa data —o que demonstra que o objectivo próprio nom é inatingível— e na identificação do rumo desses acontecimentos com a acção do povo, das massas, estratégia que proclama este grupo na Galiza. A transferência serve, portanto, para a legitimação e o reforço dos pressupostos de que parte a acção política da UPG, que orienta o seu nacionalismo da perspectiva dumha esquerda revolucionária e anti-imperialista.

Num sentido mais amplo, o espaço português —nomeadamente o do Norte, pola sua proximidade geográfica— apresenta-se como umha área de liberdade que pode ser usufruída em termos culturais e à qual nom som alheias manifestações galegas ou de solidariedade com a Galiza que sofre o problema colonial. De facto, nas revistas sublinha-se a possibilidade de acesso livre a informação de tendências várias; dá-se conta da ida ao cinema e ao teatro português para ver obras proibidas ou censuradas polo Estado Espanhol e também se publicita a aparição —nomeadamente no Porto, cidade de desterro ou exílio de alguns conhecidos nacionalistas— de espaços de difusão tanto escrita (*Terra e tempo* 6, jan. 1975: 7) como radiofónica (*Galicia emigrante* 7, mar. 1975: 4) da actividade da UPG.

Catalunha nas revistas galegas (1969-1975)

Relativamente a questons económicas, de política e sociais, a Catalunha aparece nas publicações galegas fixada, de modo geral, num presente do qual só se sai para ir buscar no passado compartilhado —de luta pola consecução dos Estatutos nos anos trinta— o fio dumha entente —da qual também faz parte Euskadi— que pretende ser instrumento de construção de futuro. Para além da construída polos grupos políticos e/ou de acção sindical, a solidariedade dessas periferias é desenvolvida como estratégia no terreno cultural e encontra para os galegos o seu maior ponto de apoio e motor principal na Catalunha desenvolvida e com umha situação mais normalizada.

A) Transferências dos campos económico e do poder

Os projectos do passado, interrompidos pola Guerra Civil, permanecem vivos e som apresentados como via de futuro polos grupos que, tanto na Galiza interior como na exterior, defendem a autonomia e/ou o federalismo

como solução para o Estado Espanhol plurinacional, mesmo sugerindo a sua prolongação em forma de iberismo, com a integração de Portugal (*vid.* Gonçalo Cordeiro Rua, nestas Actas).

As referências ao que pode ser chamado de “entre-ajuda” das periferias abundam nas publicações galegas do tardofranquismo, em forma da responsabilidade das várias nacionalidades com respeito à eventual reforma da Espanha, à vista do “desmigamiento del carcomido árbol franquifalan-gista” (*Grial* 32, Vigo, 1971: 164). Quando se foca a conexão galego-catalá, sem dúvida a mais volumosa, faz-se ora através de momentos recuperados —os inícios do século com os regionalismos/nacionalismos a surgir (*Chan* 36, Madrid: 39) ou o pacto de Galeuzca—, ora por meio de elementos da contemporaneidade. Neste caso encontra-se tanto a “conexão exterior”, fruto do passado e ilustrada, por exemplo, no apoio que as autoridades da Catalunha em França dão ao Manifesto do Consello de Galiza no exílio, apelando ao benefício mútuo que resulta dos contactos e do diálogo galego-catalám (*Galicia*, Buenos Aires, 30.5.1969: 3), como a “conexão interior” que está a ser construída pelos grupos políticos nacionalistas emergentes e clandestinos. Esta, baseada na interpretação do Estado Espanhol como inimigo comum, serve para denunciar tanto a sua prática da política assimilacionista —com respeito à qual, como vítimas, os *Països Catalans* estão sempre presentes— como a opressão colonialista que exerce sobre as nações que esmaga. Nesta segunda vertente, o caso galego e o basco, vistos como análogos aos da Bretanha, do Ulster e mesmo os das colónias africanas de Portugal, foram especialmente vinculados pelas publicações da UPG, num princípio —por exemplo em *Terra e tempo* (mar. 1972: 1-2; ou jul.-ago. 1973: 9)—, e só com posterioridade à terceira reunião de Brest, acontecida em Fevereiro de 1974 e em que o *Partit Socialista d’Alliberament Nacional dels Països Catalans* (PSAN) se junta a ETA, IRA e UPG, é que o caso catalám é colocado ao mesmo nível ao se falar em luta de liberdade nacional e social. De facto, estabelece-se entre a UPG e o homólogo catalám, no seu ramo *PSAN-provisional* (de março de 1974), uma interlocução que obedece à estratégia de coordenação face ao inimigo comum (*Terra e tempo*, set. 1975: 3).

Apesar de todo, em termos de iniciativa o lugar de destaque da Catalunha a nível político assoma em várias ocasiões, evidenciado de modo notável no presente tanto pela sua projecção internacional —por exemplo através da pertença à *Unión Federalista de Comunidades Étnicas Europeas* e do “convite” ao Consello de Galiza para estar nela representado (*Correo de Galicia*, Buenos Aires, 30.3.1969: 3)— como polo nível que atinge o seu desenvolvimento de consciência nacional e acção conscientizadora à vista do jogo político a ser aberto pelo novo regime. Igual que acontecerá no passado, a burguesia catalá e os (seus) interesses económicos —como em Euskadi ETA e as armas— som os elementos motores do nacionalismo naquele espaço, contrastando com uma Galiza inoperante nestes termos.

Também em termos económicos a situação catalá é referida como tendo pouco a ver com a galega, pois Catalunha aparece como área favorecida pela distribuição nominal equitativa de investimentos por parte do Estado Espanhol, o que é observado como nítida marginalização da Galiza, sobretudo

porque o seu elevado nível de renda —que leva a afirmar a “opulencia catalá” (*Follas informativas da Agrupación Cultural Auriense* 3, Ourense, mai. 1969: 1)—contrasta com a emigração galega.

Nom é estranho, portanto, que a Catalunha apareça como um referente de acumulação de capital —explicado pola existência de umha burguesia nativa mais desenvolvida—, de industrialização e, conseqüentemente, de presença de um operariado numeroso e organizado. Este, por meio de Barcelona, ocupa o primeiro plano de referência nas publicações galegas ligadas à acção social, nom só para dar notícia das manifestações, assembleias e greves realizadas, mas também para sublinhar o seu nível de organização e grau de adesão à luta antifranquista. Ambos aspectos som visíveis tanto nos apoios manifestos ao movimento sindical galego nos estaleiros (1972-73) —em forma de cartas (por exemplo “Carta recibida de Cataluña” in *Vigo obreiro*. 8. Vigo. Abr. 1973: 9) e da criação e envio de fundos de apoio económico para os grevistas (*Boletín informativo de CCOO*. 40. Abr. 1972: 2)— como no chamamento para constituir umha plataforma unida do operariado ou para o progresso unitário das forças da oposição em direcção a um pacto pola liberdade, com respeito ao qual a unidade catalá é posta como modelo (*A voz do pobo. Órgao do Partido Comunista de Galicia*, nº 14. 5.9.1973: 4).

Com frequência os aspectos políticos e, especialmente, os económicos aparecem associados aos culturais, colocando-se o grau de desenvolvimento como vantagem para a cultura. Esse progresso, que se manifesta de modo evidente em forma de grandes cidades, inexistentes na Galiza mas tendo um dos melhores exemplos na Catalunha, com Barcelona, tem evidentes repercusões:

- ao nível da obtenção de novos benefícios do progresso social e económico espanhol, um dos quais, sublinhado de modo insistente nas revistas galegas da altura, tem a ver com a reforma dos estudos universitários que deixa a Galiza de novo marginalizada (*Irmandade* 47. Venezuela. jan.-fev. 1972: 11);
- em termos de formação da identidade nacional, de defesa pola via política e de multiplicação das suas manifestações culturais (Moisés da Presa “Teoría da gran cidade galega”. *A Nosa Terra* 513. Buenos Aires. jan. 1970: 4).

B) Transferências dos campos culturais

Estando associada a língua (uso e defesa) à nacionalidade diferenciada, a política centralista e negadora da diferença que se fai na Espanha nom contempla de modo adequado uns direitos lingüísticos que é preciso reclamar, tanto por umha questom de identidade como pola imposição da língua ser entendida como manifestação de submissão política e/ou colonização.

Assim, a presença da Catalunha nas publicações galegas também vem puxada através da sua língua, situada ao lado da galega e da basca numha luta comum —à procura dumha interlocução conjunta com o Estado Espanhol— polo reconhecimento das “línguas vernáculas”. O objectivo é ultrapassar a situação de inferiorização e de nom normalização em que se

encontram. Neste sentido, alguns ganhos —mais bem simbólicos— obtidos foram a Ley General de Educación de 1970, que contemplava a incluso no ensino básico delas, e o reconhecimento do Consejo de Ministros que em 1975 autoriza a utilização em todos os níveis —largamente saudados na imprensa galega da altura, mesmo à vista das suas limitações.

No entanto, reflecte-se a respeito das condições que o galego e o catalán apresentam perante esse desafio e conclui-se que som bem diferentes, com considerável vantagem catalá:

- A) por causa da sua sociedade,
- onde nom existe divisom social no uso da língua (Enrique Santamarina “A evolución da lingua determina tamén a evolución social do pobo” in *Casa Galicia. Unidad Gallega*. Nova Iorque. 1975: 20), enquanto na Galiza o galego é fronteira social e isto provoca a diglossia na maioria dos falantes (Xavier Costa Clavell “Una sociedad históricamente escindida: el idioma” in *Unidad Gallega*. 1976: 30, reproduzindo um artigo tirado de *Destino*. Barcelona. Nov. 1975). De facto, o atraso cultural galego é em parte atribuído ao que chega a ser referido como “trauma do idioma”, colocando em primeiro plano a questom linguística, para cuja análise serve como instrumento o *Idioma i prejudici* de Rafael Ninyoles, que trata a problemática da língua nas comunidades sem estado e é recensionado, no mesmo ano da sua apariçom, destacando o paralelismo entre a situação do valenciano e do galego (*Grial* 33. 1971: 378-379);
 - que manifesta um alto grau de compromisso com a língua, convertendo-se em referente de emulação nas publicaçoms galegas no terreno litúrgico (I), no escolar (II) e no “comercial” (III).
 - I. A liturgia em catalán é anterior e mais estendida do que a galega (I. da Bougueira in *Correo de Galicia* 95. Buenos Aires. 15.10.1969: 3). A isto nom será alheio o envolvimento do clero com o protesto contra o regime, noticiado como tendo o seu foco, para além de em Bilbao, em Barcelona e pondo de relevo as condenas a que foram sujeitos vários padres “por apoyar el movimiento separatista” (*Correo de Galicia* 87. Buenos Aires. 15.6.1969: 1).
 - II. Mesmo sem estar resolvido, o problema da escola que nom contempla as recomendaçoms da UNESCO relativamente à língua materna das crianças é menos grave do que na Galiza (“A educación en Galicia”. *Terra e tempo*. Set. 1972: 14).
- Os direitos lingüísticos dos escolares merecem atençom do ponto de vista jurídico, como direito a ser contemplado e a respeito do qual o Colégio de Advogados de Vich, pronunciando-se sobre o ensino do catalán nas escolas, afirma ser dever dos mestres atendê-lo. O assunto merece a elaboraçom de um pormenorizado estudo por parte da Fundação Artur Martorell e a posterior divulgaçom em todas as escolas da Catalunha (“Dictamen sobre o do bilinguismo nas escolas catalanas”. *Informe da Auriense* 6. Ourense. 1973: 3, reproduzido de *ABC*), bem como o esforço da vanguarda pedagógica, que presta atençom à formaçom em catalán e implementa um ensino renovado —de que servem como amos- tra tanto a escola Rosa Sensat de Barcelona (confrontada com o colégio Rosalía de Castro de Vigo, que “intenta representar á vanguarda do

insino en Galicia”. *Terra e tempo*. Jul.-ago. 1973: 16) ou a obra *Cinema formatiu* de Joseph Serra Estruch (recensionada em *Grial* 30. Out.-dez. 1970: 500);

III. A exploração e aproveitamento das possibilidades da língua como valor de mercado, susceptível de producir benefícios económicos, está sobretudo presente no desenvolvimento da *Nova Cançó* e na aposta da indústria discográfica catalá na música feita nas línguas minorizadas, vistas menos como um património cultural do que como umha oportunidade de investimento. Resulta, porém, mais significativa a consulta feita por umha empresa catalá interessada em publicitar-se em galego numha revista galega de Madrid.

B) por contar, desde inícios do século XX, com umha codificação feita por Pompeu Fabra e a sua escola. Esta é avaliada positivamente, da perspectiva galega, como um trabalho de recuperação do idioma considerado modelar (“Comentarios de la prensa gallega en torno a nuestro idioma”. *Correo de Galicia* 78. Buenos Aires. 30.1.1969) e como transformação da língua em instrumento para todo o tipo de comunicação (“Ordeador do idioma catalán”³. *Grial* 27. Jan.-mar. 1970: 125-126). Nom coincidem, no entanto, as posições relativamente à validade do modelo para o caso galego, pois ora aparece como referente de emulação, entendendo-se a “escrupulosidade” como um bem para a língua —nom como exagero, excesso de purismo ou cultismo afastado da fala ordinária— e opondo-se a actuação catalá à galega⁴, ora a referência fica apenas como analogia, em vista de que o ponto de partida do processo galego difere do catalám⁵.

A abundância de produção literária e o grau de desenvolvimento da literatura catalá, dentro do grupo das “línguas vernáculas” minorizadas, apresenta-se nas publicações periódicas praticamente todos os anos em forma de balanços editoriais que, tendo autoria diversa, coincidem em destacar o défice galego relativamente à Catalunha. Isto é em parte justificado por esta actividade ter começado mais tarde na Galiza, o que explica que já nos anos vinte, e de acordo com o depoimento de Leandro Carré, a aparição de colecções de novelinhas pensadas para a familiarização do público com a leitura em galego copie nom apenas a moda castelhana, mas a catalá (“Lembrando a Castela”. *Correo de Galicia*. Buenos Aires. 5.1.1975). No mesmo sentido explica-se que no artigo “El escritor gallego fue sometido al mayor de los silencios” (*El Ideal Gallego*. Suplemento especial DLG. 1975) se manifeste o desejo de criar “en un plazo relativamente breve, la Editora Nacional en gallego”, seguindo o feito com Paraula Nova em Catalunha.

Em termos de cultura, a Catalunha é em boa parte identificada —por ter aí o seu centro irradiador— com Barcelona, cidade de referência para a

³ Trata-se dumha pequena notícia na secção “O rego da cultura”, partindo dum artigo publicado por Pedro Mas i Perera no ano anterior num suplemento literário bonaerense e que anos mais tarde, será reproduzido com a seguinte indicação: “interesante información que pode ser proveitosa pra todos cantos andan a traballar nos eidos do idioma galego”. *Grial* 58. Out.-dez. 1977: 349-354.

⁴ Xavier Rodríguez Baixeras, na sua “Carta sobre a unificación lingüística”, afirma a “pouca seriedade que temos nós para cá (sic) língua, ao non fixar definitivamente nunha soia as súas múltiples formas en cada caso”. *Grial* 26. Out.-dez. 1969: 496.

⁵ Eduardo Blanco-Amor fala de umha sociedade de cujos burgos nunca tinha sido desterrada a língua própria e onde nunca tinha deixado de existir um tratamento culto do idioma, em boa parte polo seu sentido nacional. *Grial* 35. Jan.-mar. 1972: 44.

vida cultural e editorial catalá ou espanhola, mas também incluída no número dos enclaves galegos. Desempenha um importante labor desde o início dos anos sessenta, quando, simultaneamente ao que acontecia na Galiza, começa a organização de jovens em forma de grupo cultural, de cujo carácter e actividades dam conta, com respeito aos momentos iniciais, Agustín Rodríguez Caamaño em *Casa Galicia*. 1971: 31-32 e na contemporaneidade, sobre o grupo Rua Nova, *Chan* 37. Madrid. Jun. 1971.

O nível de acção desta colónia galega é em parte definido polo próprio ambiente catalán em que está instalada, que lhe permite confrontar a situação de ambas comunidades históricas, a nativa e a de radicação temporal ou permanente, com resultado desolador para a Galiza, e que favorece as tentativas para diminuir a distância através da mediação. Por isso é comum a existência de mediadores culturais, que apresentam Catalunha como possuidora de um mercado, revistas e especialistas de alto nível e publicitam os sucessos ou apreciações positivas que os produtos da Galiza merecerom nela. Entre os mediadores cabe destacar, em termos de presença em tribunas várias, Costa Clavell, ligado ao jornalismo e o associacionismo, e, sobretudo, Basilio Losada, desenvolvendo intensa actividade à volta do Centro Galego e da Cátedra que regia na Universidade de Barcelona, onde reconhecía divulgar umha literatura que, apesar de nom afastada geograficamente da de Catalunha, devia ser apresentada com “perspectiva exótica” (*Galicia*. Buenos Aires. 15.5.1969: 5). Ao seu papel como docente e às suas responsabilidades com a comunidade emigrante cabe somar ainda o destacado labor como tradutor, organizador de antologias literárias galegas, colaborador de *Grial* e activador e propiciador de espaços de encontro galego-catalans. O seu prestígio e as condições do meio nom tornam estranho, pois, que seja em Barcelona que tem lugar a preparação da grande enciclopédia galega, com Losada como membro do grupo coordenador.

Enquanto o prestígio de Carles Riba, um dos mais canonizados produtores catalans, é trazido para o protossistema galego (Alonso Montero “Escritores non galegos que escribiron en galego”. *Chan* 10 e 11. 1969) por meio da referência a alguns poemas compostos na nossa língua —sob a sugestom de umha lírica medieval que, ocupando o centro da tradição galego-portuguesa, também o prestigia a ele—, o de Ricard Salvat, director, professor de técnica e estudioso do teatro —com um reconhecimento que o leva à Universidade de Coimbra em 1969— associa-se ao de Castelao, referido como “gran mestre gallec” e parte indispensável do cânone galego, já através de *Os vellos non deben namorarse*, que estuda no seu *El teatre contemporani*, que tenta representar em Portugal —com encenação de Luís Seoane— mas é objecto de censura (*Correo de Galicia* 86. Buenos Aires. 30.5.1969: 1) e que divulga em conferências na Catalunha (*Alborada* 4. Barcelona. Abr. 1975: 22), especialmente com motivo das comemorações do 25 aniversário do falecimento de Castelao, altura em que se multiplicam os actos e as publicações com que se lhe presta homenagem.

Salvador Espriu é, porém, o mais citado de todos os produtores catalans, sem dúvida na qualidade de um dos poetas mais importantes do momento —nom por acaso tinha sido proposto para o prémio Nobel, recebe o Prémio de Honra das Letras Catalás (1972), é objecto de preferência na escolha

poética dos intérpretes da Nova Cançó— mas também como amigo de galegos, leitor de literatura galega, crítico e home de cultura comprometido. É referido como “gran bardo” ou “magnífico vate” catalám polo também poeta e amigo Manuel María, com o qual troca correspondência, livros e notas críticas ou recensões que, publicadas na Espanha ou no enclave bonaerense, testemunham a conexom galego-catalá e a sua veiculaçom mais freqüente em forma de relaçons pessoais. Manuel María situa à altura de Espriu como homólogo o também galego Celso Emilio Ferreiro (*Correo de Galicia*. Buenos Aires. 28.2.1969: 6), apontado-os como os dous poetas maiores e mais lidos na Espanha, quer nas suas línguas, quer nas numerosas traduçons disponíveis.

Esse alargamento de público para os produtos que nom usam o castelhano como língua de construçom efectiva-se também neste período relativamente à cançom, a começar pola catalá, a *Nova Cançó*, o primeiro dos novos grupos que vam superar o por alguns chamado “nacionalflamenguismo”. Na Galiza, mais umha vez emulando o modelo catalám em quase todos os seus pormenores, surge a Nova Canción Galega, em que o país se foca a si próprio na sua língua e procura conectar com a cultura, a história, a arte e a música da terra num processo de re-encontro que vai procurar a sua palavra em textos de poetas e escritores em comunhom com o povo ao qual representam. Se nom esse tipo de cançom —bastante associada ao compromisso político e social—, a fórmula musical associada à língua minorizada revela-se, a nível espanhol, um sucesso comercial que carrega com ele umha certa projecçom da sua cultura. Mas enquanto a da Catalunha consegue o apoio da burguesia nacionalista e conta com um público alargado, ajudando a desenvolver a indústria discográfica local, a galega carece de base social e de estrutura económica para se sustentar no espaço da Galiza e vai procurá-las, em boa medida, em Barcelona, na casa EDIGSA, cujas gravaçons permitem, efectivamente, ultrapassar as barreiras galegas, ao preço de essa cançom com os focos produtivos fora da Galiza ser contemplada como elemento da indústria cultural e, portanto, ter que passar a sujeitar-se a critérios de mercado (*Chan* 35. Madrid. 1971: 18-21)

Conclusions

As publicaçons galegas que atingem maior visibilidade, tanto na Galiza como nos enclaves —sobretudo americanos e, mui especialmente, bonaerenses—, som animadas (até no sentido etimológico) por grupos ligados ao galeguismo que lutou polo Estatuto e que, quando se instalou a ditadura, ou bem se exilou ou bem permaneceu no interior. Em ambos os casos, o seu déficit de açom política é preenchido pola via dumha actividade cultural e literária que, conseqüentemente, fica carregada de sentido político. Esta opçom culturalista desenvolve a luta galega numha linha pacífica e de nom agressom, enfrentando o Estado ditatorial Espanhol apenas com as armas da autonomia e dos Estatutos dos anos trinta. A presença de elementos procedentes de Portugal e da Catalunha continua, em parte, umha tradiçom que vem do período do pré-guerra, de acordo com a qual som

transferidos aspectos históricos e culturais de comunhom:

- quer de identidade (Portugal), encontrando a idade de ouro no período medieval, baseada numha total identificação, agora perdida, de língua e de povo —galego-portugueses—, e fazendo-a funcionar como elemento basilar para a afirmação do galego como língua de cultura e de prestígio, apoiada por umha tradição de valor indubitável;
- quer de interesses (Catalunha), tanto relativos à defesa das suas línguas como aos esforços a desenvolver para normalizá-las, dentro do espaço que lhes é natural e, sobretudo, no conjunto do Estado Espanhol.

Coloca-se, assim, em destaque umha identidade nacional diferenciada da castelhana —mas amiúde integrada na (h)espanhola—, sobre a qual se procura a (re)construção galega.

Face ao predomínio da transferência de assuntos culturais presente nas publicações do “culturalismo” —também conhecido como “piñeirismo”—, as revistas de carácter clandestino, que focam a problemática nacional associada à social —impulsionadas polas novas gerações galeguistas—, priorizam a transferência de elementos ligados ao imediato acontecer revolucionário, de movimentação popular, de obtenção de liberdade e de soberania popular, especialmente rendíveis para os grupos que, na Galiza, pondo num segundo plano a acção cultural, tinham começado a organizar-se na clandestinidade e lutavam pola democratização do Estado Espanhol a partir da reivindicação —para a qual eram contemplados todos os meios, mesmo os armados— dos direitos nacionais da Galiza. Procuravam a legitimação da sua opção (de acção) política e, nessa medida, a batalha contra o Estado Espanhol, unida ao combate do capitalismo, favorecia a aliança e a importação do Portugal do momento —inclusivamente das suas colónias, palco desde os anos sessenta de lutas armadas que concluírom com a independização, funcionando como referentes de analogia, primeiro, e de emulação, depois—, mais abundantes, e da Catalunha organizada na sua luta nacional, menos numerosas.

Rodríguez Prado, Maria Felisa. “Portugal e Catalunha no sistema cultural galeguista através das revistas galegas no tardofranquismo”. *Actas do VII Congreso Internacional de Estudos Galegos. Mulleres en Galicia. Galicia e os outros pobos da Península. Barcelona 28 ó 31 de maio de 2003*. Ed. de Helena González e M. Xesús Lama. Sada: Edicións do Castro / Asociación Internacional de Estudos Galegos (AIEG) / Filoloxía Galega (Universitat de Barcelona), 2007. ISBN: 978-84-8485-266-7. Depósito Legal: C-27912007.